

## **REFORMULANDO O ENSINO DE GEOGRAFIA NO ENSINO MÉDIO: O USO DE DINÂMICAS COMO VETOR DA APRENDIZAGEM**

Larissa Vieira Fernandes

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN – Campus Central - Natal  
larygeo@yahoo.com.br

João Paulo Câmara da Rocha

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do RN – Campus Macau  
jpgeografia@yahoo.com.br

### **INTRODUÇÃO**

O presente trabalho tem como objetivo discutir a importância e utilização das dinâmicas de aprendizagem na disciplina de Geografia, mais precisamente com turmas do Ensino Médio, como instrumento facilitador da aprendizagem. Além disso, buscamos neste trabalho demonstrar os benefícios desse instrumento educacional, bem como refletir sobre o papel de criação e recriação do conhecimento promovido com o uso de dinâmicas.

Para alcançar tais objetivos utilizamos pesquisa bibliográfica referente ao estudo em tela, realizamos uma pesquisa exploratória na Escola Estadual Zila Mamede, localizada na Zona Norte de Natal – RN com 40 alunos do Ensino Médio, além de experimentar o uso de dinâmicas de aprendizagem em três turmas do Ensino Médio. Com base nessa pesquisa analisamos os discursos dos alunos com a finalidade de constataremos a importância do uso de dinâmicas de estudos no ensino de Geografia do Ensino Médio.

Dessa forma, o trabalho está dividido em duas partes. Na primeira parte fazemos uma breve discussão sobre os caminhos necessários para uma efetivação da aprendizagem geográfica, uma vez que os professores da referida disciplina ao falarem nomes de rios, cidades, tipos de vegetação, clima, entre outros, acham que estão ensinando Geografia. Entretanto, esse discurso definido como “geográfico” não consegue fazer com que os alunos tenham um entendimento sobre a realidade em que estão inseridos e os lugares construídos pelos homens, pois as informações passadas pelo professor, muitas vezes, são desnecessárias e enfadonhas. Na segunda parte do trabalho, demonstramos a importância das dinâmicas de estudo nas aulas de Geografia

do Ensino Médio. Para explicar essa afirmação, selecionamos três turmas do Ensino Médio da Escola Estadual Zila Mamede e elaboramos junto com os alunos dinâmicas de estudo para facilitar a apreensão dos assuntos que estavam sendo vistos. Após esse momento, os educandos esporam suas idéias e sugestões a respeito das dinâmicas promovidas. Por fim, expomos no trabalho os nossos resultados e nossas colaborações acerca do estudo em tela.

## **1 OS CAMINHOS DA APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA**

Os professores de Geografia ao falarem nomes de rios, cidades, tipos de vegetação, clima, entre outros, acham que estão ensinando Geografia. Entretanto, esse discurso definido como “geográfico” não consegue fazer com que os alunos tenham um entendimento sobre a realidade em que estão inseridos e os lugares construídos pelos homens, pois as informações passadas pelo professor, muitas vezes, são desnecessárias e enfadonhas.

Além dessas dificuldades que abordamos entre o entendimento do ensino e da aprendizagem; quando tratamos de Geografia, devemos observar que para a concretização da aprendizagem geográfica, necessitamos de ferramentas específicas, como: conceitos geográficos, metodologia de análise, utilização do pensamento crítico, entre outros. Já que o ensino de Geografia nesse novo século deve ser voltado à estimulação da criticidade por parte do indivíduo, uma vez que estamos inseridos num mundo complexo em que necessitamos refletir sobre a sua dinamicidade.

Entretanto, isso não acontece; percebemos que diariamente as aulas de Geografia, por vezes, acontecem de forma desmotivadora, empobrecidas de conteúdo, decorativas e “chatas”. A partir daí podemos elencar uma série de acontecimentos e atitudes, preocupantes, que fazem com que esses tipos de aula ocorram.

Uma preocupação é o distanciamento entre a aula e a realidade do aluno. Para o aluno, o espaço, primeiramente tem que ser entendido a partir do espaço em que ele vive, e desse modo, poderá ocorrer um aprendizado gradativo que contemple outras formas de espaço. E a memorização? Será que ela é tão necessária? Existiriam formas de acabar com ela ou seria melhor adaptá-la? Essa é outra dificuldade: construir conceitos e noções sem recorrer à simples memorização. Por vezes, essa dificuldade anda atrelada à outra, que é a regra do livro didático. Os problemas não são os conteúdos, mas a forma como trabalhamos com eles.

O livro didático tem que ser apenas um auxiliar, pois a forma como trabalhamos e construímos os conhecimentos com os alunos, tem que ser feita pelos educadores. E até em conjunto com a comunidade escolar quando elaboramos o programa de conteúdos. Assim, podemos utilizar, por exemplo, alguns assuntos diários da imprensa falada, televisiva e escrita, sem deixar que os assuntos percam a sua cientificidade, para que a aula torne-se mais participativa e que os conceitos e noções trabalhadas nestas discussões façam parte do pensamento do aluno, dentro e fora da sala de aula. Isso fará com que o termo memorização ganhe um novo sentido – aprendizagem.

O ensino do pensamento geográfico deve proporcionar momentos em que o aluno pratique a linguagem específica dessa ciência (espaço, território, lugar, paisagem, entre outros), utilize as metodologias adequadas para o desenvolvimento de uma independente construção do conhecimento e correlacione os conteúdos da escola com a realidade em que os educandos estão inseridos, pois como afirma González (2000, p. 28): “aprender é mais significativo quando se é capaz de relacionar as experiências da vida cotidiana com os novos conteúdos informativos recebidos na escola ou em qualquer outro lugar”.

Contudo, pensar a Geografia como uma disciplina que ensina a memorizar informações soltas é uma idéia equivocada. Por isso construir a idéia de espaço na sua dimensão cultural, econômica, ambiental e social é um grande desafio da Geografia. E é no ensinar a fazer a leitura do mundo e, portanto, no como ocorre esse processo de aprendizagem que se poderia retirar da Geografia esse rótulo de matéria decorativa.

Assim sendo, o educador, uma vez que compreenda essas necessidades do ensino da Geografia, poderá atuar em função da aprendizagem, percebendo que nem tudo o que se ensina, obrigatoriamente, se aprende; aprimorando, dessa forma, sua prática de ensino.

## **2 AS DINÂMICAS COMO VETOR DE APRENDIZAGEM**

Ensinar Geografia em turmas do Ensino Médio não é tarefa fácil, uma vez que essa disciplina sempre foi rotulada como matéria descritiva e decorativa. Não atraindo, assim a atenção e interesse por parte dos alunos.

Diante desse fato, o professor da respectiva disciplina precisa buscar novas metodologias e técnicas para atrair esse estudante a sala de aula e mostrar a importância da Geografia na vida deles. Entretanto, muitas vezes, os professores se deparam com a

falta de estrutura e de recursos por parte da escola, como também falta de preparação e informação por parte dos próprios professores.

Dessa forma, uma ferramenta de ensino simples e eficaz é o uso de dinâmicas de aprendizagem, uma vez que elas possibilitam a criação e recriação dos conhecimentos. De acordo com Marquezan (2003, p. 62):

A dinâmica da aprendizagem se dá através de interações mútuas, nas quais educandos e professores estabelecem relações sociais e afetivas, sendo a sala de aula o ambiente em que estas relações se solidificam e caminham em direção ao desenvolvimento significativo de habilidades cognitivas e sócio-afetivas.

Assim, as dinâmicas constituem num valioso instrumento educacional que estimula a produção e a recriação de conhecimentos tanto no grupo (coletivamente) como no indivíduo. Diante disso, com a utilização das dinâmicas, o conhecimento passa a ser de todos, ou seja, é um conhecimento produzido coletivamente.

Além disso, as dinâmicas são importantes instrumentos educacionais, pois valoriza tanto a teoria como a prática e leva em consideração todos os envolvidos no processo.

Diferentemente das brincadeiras que não possuem um fundo pedagógico, as dinâmicas têm como objetivo levar o conhecimento ao aluno de uma forma diferente do cotidiano contribuindo para aumentar a atenção do assunto abordado além de estimular a imaginação e a criatividade dos educandos. Assim, observa-se que esta forma de expor o conhecimento é bastante interessante, pois aumenta a atenção dos alunos uma vez que, a previsibilidade de como seria a aula deixa de existir.

Desse modo, as dinâmicas de aprendizagem ampliam e desenvolvem um processo de discussão e reflexão, possibilitando a criação, formação e transformação do conhecimento individualmente e coletivamente.

Diante disso, verifica-se que as dinâmicas de aprendizagem são instrumentos que atraem o aluno à sala de aula, bem como transformam um conteúdo até então difícil, em um conteúdo atrativo e simples.

## **2.1 As dinâmicas em sala de aula**

Diante dos discursos dos alunos do Ensino Médio em relação às aulas de Geografia, observamos que o professor da respectiva disciplina não planeja suas aulas

de forma correta, uma vez que os alunos relataram que elas são enfadonhas, cansativas e sem motivação.

Para tanto, planejamos algumas aulas com os alunos do 1º e 2º ano do Ensino Médio com o uso de dinâmicas e posteriormente discutimos a importância desse instrumento no processo de ensino-aprendizagem.

Selecionamos para o referido trabalho as turmas A e B do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Zila Mamede. A turma A possui 35 alunos e a turma B possui 25 alunos, todos compreendidos na faixa etária entre 14 e 17 anos. A turma A, apesar de ser mais numerosa, se destaca por apresentar alunos obedientes e comprometidos com as disciplinas. Já a turma B se destaca pela desobediência por parte de alguns alunos que compõem a turma. Entretanto, o trabalho foi proposto e aceito pelas duas turmas.

O professor responsável pelo projeto apresentou primeiramente a importância e finalidade das dinâmicas de estudo. Posteriormente foi repassado aos alunos uma lista de dinâmicas educativas, explicando como se processava cada uma delas. Contudo, tanto na turma A como na turma B do 1º ano do Ensino Médio foi selecionado a dinâmica “*Júri simulado*” e o assunto correspondente para desenvolver tal dinâmica foi à globalização, uma vez que as turmas estavam estudando esse tema e os alunos mostravam bastante interesse em relação aos tópicos que o assunto aborda.

De acordo com Menegolla (1997, p. 106) A dinâmica “*Júri simulado*” apresenta os seguintes objetivos:

- Analisar e avaliar um fato com objetividade e realismo;
- Criticar construtivamente uma situação determinada;
- Dinamizar o grupo para estudar profundamente um tema real.

Durante o planejamento da dinâmica, foi selecionado com as turmas quem seria o juiz, o advogado de acusação, o advogado de defesa, as testemunhas, o corpo de jurados e o público.

O juiz tinha como função dirigir e coordenar o andamento do júri; o advogado de acusação, por sua vez, formulava as acusações contra o réu; o advogado de defesa defendia o réu e respondia as acusações ditas pelo advogado de acusação. Já as testemunhas falavam contra ou a favor do réu; o corpo de jurados assistia ao julgamento e no final votava contra ou a favor do réu e, por fim, o público dividido em dois grupos da defesa e da acusação ajudava seus advogados a prepararem seus argumentos para a acusação ou defesa.

As duas turmas em conjunto elaboraram a história para a execução do trabalho. A história se baseava na instalação de uma fábrica multinacional num país subdesenvolvido em decorrência do processo de globalização. Entretanto, essa fábrica estava ocasionando uma série de problemas ambientais e sociais no país em que foi instalado.

Logo, o julgamento elaborado pelos alunos e o professor tinha como objetivo definir se a fábrica era culpada ou não pelos problemas sociais e ambientais na cidade.

A turma do 1º ano A, como já foi apontado anteriormente, possui alunos comprometidos e responsáveis pela disciplina, assim, o trabalho ocorreu de forma harmoniosa, onde todos os alunos puderam participar e dar a sua sugestão.

Os alunos da turma A se empenharam bastante no desenvolvimento do trabalho, a história contada por eles estava bem detalhada e todos os componentes da peça se caracterizaram, como também trouxeram para a sala objetos que representavam uma sala de julgamento. Os argumentos utilizados pelos advogados, tanto o de defesa como de acusação eram claros e objetivos, bem como os as falas das testemunhas. Já o corpo de jurados manteve-se bastante atento para todas as acusações e defesas expostas pelos advogados.

Já o 1º ano B, por ser uma turma mais desmotivada, os alunos não se empenharam tão bem no desenvolvimento do trabalho. Uma prova disso é que os alunos dessa turma não apresentaram com profundidade os argumentos e não houve uma preocupação em relação à produção do trabalho. As testemunhas não demonstravam interesse pelo que estava sendo apresentado pelos advogados e pelo juiz. Da mesma forma, o corpo de jurados participou pouco do trabalho e no decorrer da peça, eles se mantiveram dispersos, precisando da intervenção constante do juiz. Como podemos observar nas fotos abaixo:

Após a apresentação do julgamento pelas duas turmas, foi feita uma “mesa redonda” em que os alunos puderam apresentar suas conclusões a respeito do trabalho.

O 1º ano A demonstrou com bastante entusiasmo a satisfação na realização do trabalho. Como um aluno da turma falou: *“prefiro esse trabalho porque não escreve, fica todo mundo junto”*. Além disso, os alunos relataram que ao desenvolver do trabalho, eles tiveram que estudar mais sobre o assunto, e assim entenderam de uma forma diferente o que ele tratava.

Ao perguntar se eles preferiram a aula expositiva ao uso das dinâmicas educativas, todos afirmaram que preferem à dinâmica, pois torna aula diferente e atrativa.

Já a maioria dos alunos do 1º ano B, falaram que o trabalho foi bastante relevante, pois “*ele tinha realidade*”. Além desse fato, os alunos afirmaram que o trabalho movimentava toda a turma e teve um “toque” de competição entre os alunos.

Da mesma forma que os alunos do 1º ano A, a turma B afirmou que prefere a dinâmica à aula tradicional, porque as dinâmicas explicam de uma forma diferente o assunto a ser estudado, motivando os alunos a participarem das aulas.

Após esse momento indagamos aos alunos das duas turmas: que proveito tiramos da dinâmica? O que mais nos agradou? Como nos sentimos? O que podemos melhorar?

Os alunos do 1º ano A relataram que a dinâmica foi muito proveitosa porque tudo o que foi realizado durante a apresentação foi de suma importância, uma vez que os alunos aprenderam mais em relação ao assunto e puderam expor suas opiniões a respeito do tema. Da mesma forma, os alunos do 1º ano B afirmaram que a dinâmica “*Júri simulado*” foi proveitosa porque eles se sentiram mais a vontade para apresentar o trabalho.

Em relação à segunda pergunta: como nos sentimos? Todos os alunos das duas turmas relataram que se sentiram “importantes” porque estavam representando figuras representativas da nossa sociedade. Como nos afirmou a aluna que representou a juíza do 1º ano A: “*A minha responsabilidade era grande porque eu tinha que colocar ordem em tudo e decidir com o pessoal a sentença do caso*”. Percebemos a preocupação dos alunos em relação a elaboração e produção do trabalho.

Em relação à última pergunta: o que podemos melhorar? Os alunos do 1º ano A afirmaram que deveriam melhorar nos argumento e estudar mais. Já os alunos do 1º ano B, reconheceram que não se empenharam na elaboração e execução do trabalho, logo eles afirmaram que deveriam estudar e pesquisar mais o assunto para só assim apresentar da maneira correta o trabalho

Paralelamente a esse trabalho com as turmas do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Zila Mamede, elaboramos outro projeto para a turma do 2º ano do Nível Médio da mesma escola.

A turma do 2º ano da respectiva escola possui 45 alunos na faixa etária correspondente entre 15 e 18 anos, sendo que alguns deles já trabalham no horário contrário ao da escola. A turma é bem heterogênea, possuindo alunos interessados, como também alunos desmotivados com a instituição educacional e com as disciplinas.

No decorrer do 3º bimestre, os alunos do 2º ano estudaram sobre a divisão regional brasileira. Percebendo que as aulas estavam sendo enfadonhas e desmotivadas, planejamos um projeto em que todos os estudantes pudessem participar expondo as suas sugestões. Dessa forma, elaboramos o projeto “*Jornal falado das regiões*”, um tipo de dinâmica em que os alunos estudavam as regiões brasileiras e apresentavam para o restante da turma, na forma de um jornal falado.

A dinâmica “*Jornal falado*” tem como objetivos, de acordo com Menegolla (1997, p. 110):

- Organizar informações sobre um determinado assunto;
- Desenvolver a expressão oral, o raciocínio, o espírito de cooperação e socialização;
- Sintetizar idéias e fatos;
- Transmitir idéias com pronúncia adequada e correta.

Dessa forma, primeiramente dividimos a sala em 5 grupos de sete pessoas e cada grupo ficou responsável por uma região brasileira. Posteriormente o professor apresentou os temas de estudo para os alunos. Assim, cada grupo ficou encarregado para pesquisar e estudar os aspectos principais de cada região, tais como: localização, história, população, economia, clima, relevo, aspectos culturais, dentre outros.

Após esse momento, os grupos pesquisaram o que estava sendo solicitado, sintetizaram as idéias do tema, elaboraram as notícias e apresentaram aos colegas de forma bastante criativa.

Como em todo trabalho, alguns grupos se destacaram em detrimento de outros. Desse modo, alguns alunos desse trabalho se empenharam ao contrário de outros, uma vez que eles pesquisaram e estudaram com profundidade o tema em que estava sendo solicitado. Conforma mostra as fotos seguintes:

O grupo responsável pela região Norte se empenhou em apresentar um trabalho criativo e que chamou a atenção de todos. Além da preocupação com relação à produção da apresentação do trabalho, os alunos pesquisaram bastante sobre o assunto solicitado, e esporam de forma clara e subjetiva.



O restante dos outros grupos, apenas pesquisou o tema sem profundidade e apresentaram na forma de seminário, sem haver nenhuma ligação com a dinâmica proposta: o “*Jornal falado*”. As apresentações desses grupos foram realizadas de maneira bastante resumida, sem criatividade, desmotivada e não chamava atenção dos colegas que estavam assistindo. Como se pode conferir nas figuras seguintes:

. Após as apresentações dos 5 grupos fizemos uma “mesa redonda” onde o professor fez as seguintes indagações aos alunos: o que foi aprendido? Quais os momentos que mais agradaram os grupos no processo de desenvolvimento e execução do trabalho? Que proveito nos trouxe esta dinâmica (Jornal falado)?

Em relação à primeira indagação, os alunos do 2º ano relataram que com a dinâmica ficou muito mais fácil estudar as regiões brasileiras. “*Nós brincamos e conhecemos de uma forma diferente as características de cada região*” (aluno do 2º ano). Alguns alunos da turma também reconheceram que não se empenharam de maneira devida na elaboração do trabalho, alguns falaram que não entenderam bem o que tinha sido solicitado; outros relataram que na forma de seminário era mais fácil apresentar o trabalho.

Já a segunda pergunta foi respondida principalmente pelo grupo que se destacou na apresentação. Eles falaram que todos os momentos da elaboração do trabalho foi motivo de alegria, uma vez que à medida que a pesquisa avançava, surgiam novas curiosidades pertinentes para ser exposta ao restante da turma.

“*Mas nada se compara ao momento da apresentação*”. Essa frase dita por uma aluna do 2º ano demonstra a importância que a apresentação teve no desenvolvimento do trabalho, uma vez que os alunos representaram personagens que eram o “centro” das atenções no momento.

Dessa forma, com os relatos das experiências e com as falas dos alunos, afere-se que as dinâmicas educativas são ótimos instrumentos no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as aulas não se tornam cansativas, valoriza a teoria e a prática conjuntamente, leva em consideração todos os envolvidos no processo, neste caso, os alunos e, principalmente, a previsibilidade de como seria a aula de existir. Diante disso, com a utilização das dinâmicas, o conhecimento passa a ser de todos, ou seja, é um conhecimento produzido coletivamente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou discutir sobre a importância das dinâmicas de estudo como vetor de aprendizagem na disciplina de Geografia com alunos do Ensino Médio. Para conseguirmos tal objetivo foi preciso perpassar por um caminho teórico que englobasse as diferenças entre ensinar e aprender, a importância do ensino de Geografia e os caminhos para a aprendizagem da referida disciplina.

A experiência das dinâmicas em três turmas do Ensino Médio na Escola Estadual Zila Mamede foi de grande valia, uma vez que os alunos se empenharam em pesquisar os temas propostos; além disso, os educandos trabalharam em grupo motivando, assim, a cooperação, bem como aumentou a atenção dos mesmos, uma vez que a previsibilidade de como seria a aula deixou de existir. Diante disso, concluímos que o uso de dinâmicas como instrumento facilitador da aprendizagem é muito importante, pois leva de uma forma diferente do cotidiano o conhecimento ao aluno contribuindo para aumentar a atenção do assunto abordado além de estimular a imaginação e a criatividade dos educandos.

## REFERÊNCIAS

- BURNIER, Pe. **Oficinas de Dinâmicas e Técnicas para Grupos**. São Paulo, 2006. Disponível em: [www.casadajuventude.org.br](http://www.casadajuventude.org.br). Acesso em 25 de agosto de 2008.
- CALLAI, Helena Copetti. O ensino de Geografia: Recortes espaciais para análise. In: GASTROGIOVANNI, A. C. et al (org). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB Porto Alegre, 2001, p. 57- 63.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 4ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 1998 – (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico).
- GONZALLÉZ, Xosé Manuel Souto. **A didática da Geografia: Duvidas certezas e compromisso social dos professores**. In: Educação Geográfica. Associação Portuguesa de Geógrafos. 2000.
- KAERCHER, Nestor André. A Geografia é o nosso dia-a-dia. In: CRASTROGIOVANNI, Antonio Carlos (orgs). **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- MARQUEZAN, Reinoldo [et al.]. **Dinâmica de sala de aula: uma variável na aprendizagem**. Cadernos de educação especial, Santa Maria: n. 22, p. 61-67, 2003.
- MENEGOLLA, Maximiliano. SANTANNA, Ilza Martins. **Didática: Aprender a Ensinar**, São Paulo, Edições Loyola. 1997.
- SILVA, Valdenildo Pedro da. **O ensino de geografia: tendências recentes**. Revista Cosmos, Presidente Prudente, Ano iii. V. III – N. 1, Jan./Abr. 2005, p. 13-18.